

CAMINHOS DA LINGUAGEM: PROCESSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO DE UM JOVEM COM SÍNDROME DE DOWN

THE ROADS OF LANGUAGE: ALTERNATIVE PROCESSES OF MEANING OF A YOUNG MAN WITH DOWN SYNDROME

Nayra Marinho Silva¹

nmsilva06@hotmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires²

carlaghipires@hotmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva discutir sobre linguagem e síndrome de Down (SD), mais especificamente os processos alternativos de significação, tomando por base os pressupostos da Neurolinguística Discursiva (ND). Foi realizado um acompanhamento longitudinal por dois anos e seis meses com um jovem com SD, JR. O acompanhamento ocorreu com sessões semanais em uma universidade no interior da Bahia. As intervenções consistiram em contagem e recontagem de histórias, jogos, desenhos assistidos em vídeo, canções, leitura e escritas realizadas por meio da intervenção do mediador. No início da coleta dos dados, o sujeito JR apresentava fala visivelmente comprometida e não possuía autonomia em seu funcionamento de linguagem. Ao longo do acompanhamento, foi oferecido a JR um atendimento linguístico direcionado, construído sobre a valorização de suas potencialidades, sem enfatizar qualquer tipo de déficit que JR viesse a apresentar em função da sua condição. Os dados gerados neste estudo demonstram que JR avançou, pois foram-lhe propiciadas oportunidades de vivenciar práticas sociais mediadas pelo outro, bem como foram oferecidas propostas que possibilitaram a ele operar sobre a linguagem e, assim, circular efetivamente pelo uso social da fala, mas também na construção de sua autonomia e na formação de sua personalidade. Os dados indicam, ainda, que JR ou qualquer outro jovem que venha a receber acompanhamento, considerando a ND, poderá apropriar-se de forma efetiva dos domínios discursivos.

Palavras-chave: Linguagem; síndrome de Down; Neurolinguística Discursiva.

Abstract: This study discusses about the language and Down syndrome (DS), more specifically, alternative processes of meaning, based on theory proposed by Discursive Neurolinguistics (DN). A longitudinal follow-up was carried out for two years and six months with a young man with DS, nicknamed JR. The follow-up occurred in weekly sessions at a university in the state of Bahia. The interventions consisted in telling and retelling stories, games, cartoons, songs, reading and writing performed through the intervention of a mediator. At the beginning of data collection, JR, with DS, had clearly committed utterances of articulation and he did not possess autonomy in his language functioning. Over the care sessions it was a linguistic targeted service was offered and built on the appreciation of the individual's potential without emphasizing any deficit that JR came to present because on his condition. The

¹ Doutoranda em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Doutora em Linguística, Docente lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e no Programa de Pós Graduação em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

data generated in this case study demonstrated that JR had advanced because he was offered opportunities to experience social practices mediated by the other, as well as the offering of proposals that enabled him to operate on language and, thus, circulate effectively for social use of speech, but also in the construction of his autonomy and in the formation of his personality. The data also indicate that JR, or any other young person who will receive proper care, considering the DN can take ownership of an effective form of discursive fields.

Key words: Language; Down syndrome; Discursive Neurolinguistics.

1 Introdução

A síndrome de Down (SD) é uma condição decorrente da trissomia do par cromossômico 21, não apresentando graus de acometimento e sendo irreversível por sua condição genética, em virtude da alteração orgânica ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário (STRATFORD, 1989). Ela poderá manifestar-se em três formas: a mais comumente encontrada, trissomia padrão 21; também por translocação, quando ocorre uma separação cromossômica mal-sucedida seguida da meiose ou divisão das células; e mosaïcismo, que “é tomado como caso raro presente apenas em 2 ou 3 por cento da população identificada com a síndrome” (GHIRELLO-PIRES e LABIGALINI, 2010, p. 359).

Quanto aos aspectos biológicos, a criança com SD apresenta características que podem ser vistas por meio de ultrassonografia, ou logo após o nascimento, tais como: “inclinação oblíqua dos olhos, presença de prega palmar única, face achatada, hipotonia generalizada, problemas cardíacos e respiratórios, deficiência intelectual” (GHIRELLO-PIRES e LABIGALINI, 2010, p. 359). Salientamos que a condição da síndrome, apesar dos fatores biológicos mencionados, não padroniza o aprendizado e a subjetividade dos sujeitos que a possuem, da mesma forma como não uniformiza as suas características físicas. Uniformizar ou categorizar as crianças/jovens com SD anula suas particularidades, bem como desconsidera suas potencialidades. Neste sentido, tomamos a Neurolinguística Discursiva (ND) como fio condutor deste trabalho, dado que ela apresenta uma concepção diferenciada de sujeito, em outras palavras, reconhecendo a condição orgânica dos sujeitos com SD, mas não os limitando a uma visão determinista.

No processo de aprendizagem da criança com síndrome de Down, não podemos desconsiderar um elemento de inestimável valor que atua como força motriz para o desenvolvimento humano: a linguagem. Ao direcionarmos o nosso olhar para a relação

entre linguagem e SD, deparamo-nos com algumas especificidades discutidas na literatura especializada a este respeito. Silva (2016), afirma que as dificuldades linguísticas são em vários níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico-pragmático e outras questões, mas as maiores parecem estar concentradas nessas áreas. Há unanimidade em dizer que a área de linguagem é a mais comprometida nessas crianças.

Ghirello-Pires e Moreschi (2016) acreditam que essas questões, apontadas pela literatura, não sejam impeditivas para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, pelo contrário, tais dificuldades deverão impulsionar essas crianças para superação por meio da intervenção do outro. Essa visão corrobora os pressupostos de Scarpa (2001), visto que, para ela, crianças com síndrome de Down passam pelos mesmos processos de aquisição da linguagem que as crianças que não apresentam a síndrome, contudo muito mais lentamente.

Dessa maneira, podemos dizer que a condição da síndrome não anula a possibilidade de aprendizagem e reflexão, bem como a de agir discursivamente não só nas situações do contexto escolar, mas também nas práticas sociais da comunidade em que vive. Por isso, a perspectiva da Neurolinguística Discursiva é fundamental na orientação do trabalho com as crianças/jovens com SD, dado que ela valoriza o sujeito e suas potencialidades e, ainda, colabora intimamente com as questões que perpassam os processos de significação alternativa, levando-as aos caminhos distintos do desenvolvimento. A seguir, discutiremos a respeito dessa corrente linguística, pilar deste trabalho.

2 Neurolinguística Discursiva

A Neurolinguística Discursiva é uma das áreas mais recentes da Linguística. Para Morato (2001), admitindo ressalvas, a Neurolinguística pode ser considerada o campo do saber que se dedica às relações entre linguagem e cérebro, estabelecendo como objeto de estudo as ciências humanas e as neurociências. Sobre o estudo do cérebro, a ND apoia-se nos trabalhos de Alexander Romanovich Luria, expoente do século XX, na concepção de cérebro como sistema funcional complexo.

Luria (1980) concebe os processos mentais superiores que englobam as sensações, a percepção, o pensamento, a linguagem e a memória não como simples faculdades

localizadas em áreas particulares e concretas do cérebro, mas como um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada e sedimentada no cérebro. Esta vertente da Linguística ampara-se, também, na concepção de linguagem postulada por Franchi (1977; 1992), inserida por Coudry enquanto referência dos estudos discursivos das afasias e demais questões com foco nas alterações de linguagem, que fazem parte da Neurolinguística Discursiva desde 1986. Em sua abordagem discursiva, a ND se destina a estudar a

[...] questão do sentido, da heterogeneidade da linguagem, na análise das interações humanas, posturas ou gestos interpretativos dos sujeitos, ao debate em torno de universos discursivos como a questão normal x patológico, à inscrição histórico-cultural dos processos cognitivos, à relação constitutiva entre linguagem e cognição (MORATO, 2001, p. 160).

Com base em tal afirmação, notamos a referência estabelecida entre “língua, discurso, cérebro e mente como construtos que se relacionam” (COUDRY, 2008, p. 16). Essa abordagem adota um pressuposto linguístico-discursivo edificado nas práticas discursivas; em outras palavras, valoriza o uso funcional da linguagem, no uso social da fala, da leitura e da escrita. Dessa maneira, a linguagem configura-se como atividade sócio-histórico-cultural formada ao longo da história, e ainda indeterminada, dado que se realiza e se altera, ou seja, produz constantemente sentidos e significações a partir das relações entre os interlocutores (FRANCHI, 1977; 1992).

Segundo Coudry (1986;1988) é por intermédio da interlocução, das práticas discursivas, que a ação do sujeito com e sobre a linguagem ocorre. É o contexto discursivo que possibilita o exercício da linguagem de maneira ativa, possibilitando ao sujeito a superação de suas dificuldades linguísticas. Coudry (2008) discute sobre os processos alternativos de significação e a afasia; suas reflexões oferecem-nos subsídios para pensar o posicionamento de um jovem com síndrome de Down na linguagem.

Por processos alternativos de significação, a autora afirma “[...] que é sempre possível dizer de outra maneira o que (não) se disse” (COUDRY, 2008, p. 10). Nessa relação, o sujeito pode buscar, nos aspectos não verbais, maneiras para reforçar o seu dizer, ou seja, uso de gestos, do corpo, de expressões faciais, além de estabelecer relação entre objetos. Esses recursos atrelados aos processos de significação verbais na língua em uso são denominados “*alternativos* em relação ao sistema da língua e a seu uso social e partilhado” (COUDRY, 2008, p.11, grifo do autor).

JR trilha caminhos alternativos para fazer-se entender quando não é compreendido imediatamente. Posteriormente, demonstraremos a relação estabelecida entre ele e os processos de significação alternativa, com base em Coudry.

3 Método

A presente pesquisa, de cunho longitudinal, foi realizada no Laboratório de pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN³), localizado em uma Universidade no interior da Bahia. A pesquisa já foi devidamente submetida ao Comitê de Ética, CAAE: 43963915.2.0000.0055, estando comprometida com os preceitos da Resolução 466/2012. A participação do informante – JR, jovem de 16 anos, com síndrome de Down – também foi devidamente autorizada por seus responsáveis. JR é participante do grupo de pesquisa desde 2012. Assim, foi realizado um recorte entre o período de 2014 e 2015, em virtude do objeto de interesse e de análise proposto para esta pesquisa. Os dados coletados surgiram durante os atendimentos de JR, os quais aconteceram duas vezes por semana, com duração de uma hora cada, perfazendo, assim, duas horas semanais. As intervenções consistiram em contagem e recontagem de histórias, jogos, desenhos assistidos em vídeo, canções, leitura e escritas realizadas por meio da intervenção do mediador.

Quanto ao procedimento de análise dos dados, trabalhamos com base no “paradigma indiciário” proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1986). Com base em Silva (2016), esse autor desperta a atenção para o fato de que um modelo epistemológico edificado no detalhe, no singular, no resíduo, no episódico havia emergido, de maneira silenciosa, no campo das ciências humanas, no final do século XIX. Tal modelo não desconsidera a importância das regularidades; entretanto, diante dos dados, desperta no pesquisador o olhar para certos indícios que “escapam” do regular, voltando-se à singularidade dos dados. O trabalho de Ginzburg guia o pesquisador a dois pontos, a saber: o critério de identificação e seleção dos dados e o rigor metodológico. Ginzburg admite o ‘rigor flexível’ que se baseia ora na intuição do pesquisador, ora na formulação das hipóteses diante dos dados.

Dessa maneira, adotamos o paradigma mencionado para orientar o tratamento dos

³Coordenado pela prof^a Dr^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio, no LAPEN, localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Vitória da Conquista-BA. Está inserido no laboratório o Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Síndrome de Down – “Fala Down”, coordenado pela Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires.

dados selecionados neste estudo, como também, valemo-nos da visão da ND para focar o sujeito e a linguagem, reconhecendo a singularidade do sujeito desta pesquisa e de sua história.

4 Resultados e Discussão

Conforme citado anteriormente, foi feito um recorte para a presente pesquisa, e os dados foram coletados em situação de intervenção linguística. Apresentamos, nesta seção, dois dados retirados do acompanhamento de JR, o primeiro ocorrido em 2014 e o segundo, em 2015. Os dados serão expostos e analisados com base em Coudry (2008), tomando como fio condutor os caminhos linguísticos alternativos trilhados por JR. Neste atendimento, estavam presentes, no LAPEN, as investigadoras CP e NM que realizavam um trabalho com a narrativa “Chapeuzinho Vermelho”. Durante esse acompanhamento, conforme o Quadro 1, linhas 02 e 04, JR se lembra de uma criança que comumente é atendida depois dele, também se lembra de outra que participa com ele do atendimento em grupo⁴, no turno oposto ao seu horário individual.

Quadro 1 – Dado 1, 12/11/2014 - Bolinho – Paulinho

Número	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre os processos de significação verbais	Observações sobre os processos de significação não verbais
01	INM	Agora a gente vai contar a história		
02	JR	Cadê Iz?		Criança atendida no Lapen, no horário posterior ao de JR
03	ICP	Iz vai chegar daqui a pouco		
04	JR	Bolinho?		JR se refere a Paulinho, outra criança do laboratório, mas produz Bolinho e as investigadoras não compreendem o que ele pretendia dizer.

⁴Os participantes do LAPEN possuem dois horários, um individual e outro em grupo, que é organizado por faixa etária próxima, no qual as crianças vislumbram a oportunidade de interação com seus pares, de se socializar.

05	ICP	Quê?		
06	JR	Bolinho, tia CP?		
07	ICP	Bolinho?		
08	JR	Não. Letícia, Lucca, Geisa.		Para se fazer entender, JR enumera as demais crianças que fazem parte do atendimento em grupo, quando percebe que não é compreendido.
09	ICP	Letícia, Lucca hoje de tarde?		CP entende que ele fala do grupo, mas não que JR quer referir-se a Paulinho.
10	JR	É		
11	INM	Você quer dizer Paulinho?		A investigadora NM infere o que JR quis dizer.
12	JR	Polinho		Tom: afirmação
13	ICP	PAULINHO! Eu entendi bolinho. Olha aqui pra mim, PA...	Oferecendo <i>prompt</i> , modelo a JR para que ele acompanhe	
14	JR	Pabolinho		
15	ICP	Não, PAU LI NHO		
16	JR	Palinho		

Fonte: Dados da pesquisa (SILVA, 2016).

Atentamos, no dado 1 (Quadro 1), para a estratégia adotada por JR, a fim de ser compreendido. Ele segue outro trajeto verbal, lembra-se, na linha 02, de uma criança que participa dos atendimentos, no caso IZ, mas que ainda não havia chegado. Logo após, lembra-se de outra criança, Paulinho, contudo, em virtude de suas dificuldades linguísticas, produz “Bolinho”, conforme a linha 04. Sua produção causa estranhamento às pesquisadoras, que indagam sobre o significado da palavra “Bolinho” no contexto do acompanhamento. Para se fazer entender, JR, como podemos observar na linha 08, elenca o nome de outros participantes como uma estratégia para demonstrar às pesquisadoras que, ao produzir “Bolinho”, referia-se ao colega Paulinho. Dessa forma, visualizamos o caminho percorrido por JR para ser compreendido; nesse caso, consideramos sua estratégia como um processo alternativo de significação, pois JR consegue dizer de outra forma o que não conseguiu formular inicialmente: Paulinho.

Apresentamos, também, o dado 2 (Quadro 2), no qual novamente JR formula de

outra maneira a sua fala para se fazer entender. No dia anterior ao atendimento, havia sido o aniversário de JR. Antes de iniciar as atividades linguísticas previstas, a pesquisadora NM faz algumas perguntas a ele, tais como quantos anos ele completou, se houve festa, dentre outras.

Quadro 2 – Dado 2, 08/07/2015 –Dodora

Número	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre os processos de significação verbais	Observações sobre os processos de significação não verbais
01	INM	Conta primeiro quantos anos você completou		No dia anterior havia sido aniversário de JR
02	JR	16		
03	INM	E o que você fez ontem?		
04	JR	Patícia deu abraço pá mim	Para “Patrícia me deu um abraço”	Conhecida de JR
05	INM	Quem é Patrícia?		
06	JR	Meu pima meu	Para “minha prima”	
07	INM	Fala assim: minha prima		Pronunciando na frente para JR visualizar o modelo
08	JR	Minha minha pima		
09	INM	Teve bolo?		
10	JR	Domingo		A festa será no domingo próximo
11	INM	Ah tá		
12	JR	Guaraná tazer Maura		
13	INM	Maura vai trazer guaraná?		Reformula em forma de pergunta, na tentativa de mostrar a JR a produção esperada.
14	JR	É::	Alonga a vogal, dando ênfase na resposta	
15	INM	Quem é Maura?		
16	JR	Meu dodora		

17	INM	A sua doutora? É a médica?		NM acredita que JR se refere à médica que o acompanha em algum tratamento
18	JR	Não, cola	“cola” para escola	
19	INM	Escola?		NM ainda não compreende o que JR pretende dizer
20	JR	Cola, Cola Bem Querer	“colacola” para escola escola	JR reforça que se trata de alguém da escola e não um médico, pois oferece o nome da escola como pista.
21	INM	Ué por que você está falando doutora?		
22	JR	Cola meu	Minha escola	
23	INM	Não entendi, Maura é da Escola?		NM não entende JR.
24	JR			Acena que sim com a cabeça
25	INM	Mas o que ela faz lá?		NM pergunta interessada para entender a relação entre Maura e a produção “dadora”
26	JR	Dadora		
27	INM	Monitora? Professora?		Oferece outras opções para tentar entender o que JR dizia
28	JR	Não, dadora cola		
29	INM	AH! Cuidadora?		A produção “dadora” aproximou-se mais da palavra esperada, e a pesquisadora pôde associar com a palavra cuidadora.
30	JR	É::	Alonga a vogal em tom de afirmação	
31	INM	Ah na escola você tem uma cuidadora agora? Que legal! Pensei que era sua professora, JR.		
32	JR	É, Angela ofessora, Maura dadora		
33	INM	Então tá, depois você me conta mais.		NM e JR riem.

Fonte: Dados da pesquisa (SILVA, 2016)

Nesse exemplo (Quadro 2), notamos que o esforço de JR para ser compreendido é maior, pois NM não o compreendia, mesmo com as pistas que o sujeito estava inserindo em seu dizer. Diante da primeira produção “dodora”, a pesquisadora acreditou se tratar de uma médica e, para esclarecer que não, JR insiste no nome “cola” para escola, de acordo com as linhas 18, 20 e 22. Na linha 20, fazendo uma associação mais próxima ao que ele estava querendo dizer, ele cita o nome da escola, “Bem-Querer”, para reforçar sua produção. Na linha 24, JR utiliza o gesto, acenando com a cabeça para afirmar que sim, quando NM começa a compreender que Maura é uma funcionária da escola. Nesse sentido, ele atrela, como explana Coudry (2008), os processos de significação verbal a recursos não verbais. Em outras palavras, ele faz tentativas, reflete, reformula, assim como no dado anterior, corroborando o postulado de Franchi (1992), de que a linguagem é trabalho, e o sujeito relaciona-se com ela para produzir significações. Assim, notamos que JR buscou caminhos alternativos na própria linguagem para se fazer entender, posicionando-se como sujeito apoderado dela, o qual reflete e entende que a linguagem oferece a ele o que precisa para expressar o seu dizer. Como fazemos todos nós, ou seja, pessoas com síndrome de Down também realizam operações epilinguísticas com a linguagem, as quais nem sempre são compreendidas. Nesse sentido, entendemos que o interlocutor precisa estar interessado em compreender o que crianças e jovens com síndrome de Down têm a dizer.

Com base na exposição dos quadros 1 e 2, podemos identificar, nas produções orais de JR, segundo o estudo de Silva (2016), alguns processos de estruturação silábica: apagamento de sílaba átona⁵ (quadro 2, linhas: 18, 20 e 22), redução de sílaba complexa⁶ (quadro 2, linhas: 04, 06, 12 e 32); omissão do /s/, /l/ e /r/, em posição de coda⁷. Durante o estudo longitudinal de JR, notamos ainda, em suas produções, a presença de assimilação⁸, questões relacionadas ao processo de aquisição e concordância das formas possessivas (quadro 2, linhas: 06 e 22) e uma forte incidência de enunciados marcados

⁵ Na qual não incide intensidade de voz ao dizê-la, como na palavra Escola, sílaba átona “es”, sílaba tônica “co”, pós-tônica “la”.

⁶ Estrutura silábica composta por duas consoantes e uma vogal (CCV), a qual possui o maior grau de complexidade e, portanto, é a última a ser adquirida no Português. A redução silábica, segundo Ribas (2004), trata-se de uma estratégia de reparo adotada pela criança que ainda não adquiriu a CCV, a qual produz C¹V, reduzindo a sílaba para uma consoante e uma vogal, por exemplo, [ˈpatu] para prato.

⁷ Corresponde à consoante em posição pós-nuclear dentro de uma sílaba, isto é, após a vogal que ocupa a posição de núcleo.

⁸ Processo Fonológico no qual o som pode interferir na produção de outro, é um processo de coarticulação, como “babaia” para trabalhar. Ver Schane (1975).

pelo estilo telegráfico⁹. Contudo, nesta pesquisa, por motivo de tempo e espaço, não aprofundaremos estas questões, deixando-as para discussão em um trabalho posterior.

Consideramos as formulações elaboradas por JR avanços na linguagem conquistados por ele, dado que lhe possibilitam mais autonomia, e isso tem se refletido em outras áreas de sua vida. Afinal, conforme exposto, ele formulou hipóteses e caminhos linguísticos para reorganizar o seu dizer e, ainda, narrar espontaneamente acontecimentos de seu cotidiano para as pesquisadoras, buscando caminhos e não desistindo quando não se fez entender. Dito de outra forma, ele passou a se posicionar durante os acompanhamentos, expressando suas vontades, argumentos, além de iniciativa e liberdade do seu dizer.

5 Conclusão

Os dados gerados pelo estudo de caso de JR indicaram, com base na análise realizada, que muito ainda pode ser feito para auxiliá-lo diante de suas necessidades linguísticas. Porém, muito foi conquistado. O trajeto trilhado por JR mostra a importância que o papel do outro/mediador possui no trabalho de intervenção. Compreendemos, ainda, que tão importante quanto o papel do mediador, é a elaboração de uma intervenção linguística adequada a cada contexto, valorizando o sujeito em sua heterogeneidade, complexidade e história pessoal. Ademais, importa, também, atentar às necessidades do sujeito, às hipóteses que ele formula, aos caminhos pelos quais passa durante o acompanhamento até alcançar os progressos esperados.

Ao lançarmos o olhar sobre JR e compará-lo consigo mesmo, do momento em que iniciou a sua participação no laboratório sem refletir ou sem argumentar sobre suas produções, até o final do estudo, quando então lança mão de argumentos para se fazer entender, burlando suas dificuldades, podemos observar avanços significativos, como indicam os dados. Admitir as hipóteses linguísticas identificadas nas produções orais de JR, enquanto “processos de significação alternativa”, tornou-se fundamental para valorizar esforços empreendidos por ele no funcionamento da linguagem e, no que diz respeito às pesquisadoras, para impulsioná-las a acreditarem ainda mais em seu trabalho

⁹ Para o neuropsicólogo soviético Luria (1976), o estilo telegráfico, geralmente, causa ininteligibilidade para o interlocutor, uma vez que os enunciados tornam-se curtos e sem estrutura sintática. Ver ainda Abaurre e Coudry (2008) e Fonseca (1995).

e, por conseguinte, conduzi-lo de maneira que levasse o sujeito JR a avançar na consolidação de sua autonomia.

Por fim, com base no que foi exposto e no estudo de Silva (2016), podemos dizer que JR apodera-se de sua identidade e sente-se mais seguro para enunciar suas vontades, revelando-se como um sujeito que, por meio da linguagem, alcançou exímias conquistas – o controle de seu comportamento e a tomada de decisão. Esperamos que a discussão apresentada neste trabalho possa contribuir significativamente no que diz respeito aos estudos do funcionamento de linguagem das crianças/jovens com síndrome de Down e/ou casos semelhantes ao de JR.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete; COUDRY, Maria Irma Hadler. Em torno de sujeitos e olhares. In: ABAURRE, Maria Bernadete; COUDRY, Maria Irma Hadler. Estudos da Lingua(gem) – **Estudos em Neurolinguística**.v. 6, n. 2, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008. p. 171-191.

COUDRY, Maria Irma Hadler. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 15. Campinas, 1986, p. 117-135.

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, Maria Irma Hadler. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. In: COUDRY, Maria Irma Hadler; SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos; ISHARA, Cinthia. **Estudos da Lingua(gem)** – Estudos em Neurolinguística.V. 6, n. 2, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008, p. 7- 36.

FONSECA, Suzana Carielo. **Afasia**: a fala em sofrimento. Dissertação de Mestrado. LAEL/ PUC/ SP, 1995.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 22, 1992, p. 9-39. Artigo Original 1977.

GHIRELLO-PIRES, Carla Salati; LABIGALINI, Ana Paula Vila. Síndrome de Down: funcionamento e linguagem. In: COUDRY, Maria Irma Hadler et al. **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas: Mercado Livre, 2010, p. 357-376.

GHIRELLO-PIRES, Carla Salati; MORESCHI, Sabrina. Especificidades no acompanhamento inicial de linguagem em crianças com síndrome de Down. In: GHIRELO-PIRES, Carla Salati (Org.). **Síndrome de Down perspectivas atuais**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016. p.15-28.

GINZBURG, Carlo. **Mitos emblemas sinais**: morfologia e história. Tradução de F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

LURIA, Alexander. **Higher cortical functions in man**. Nova Iorque: Basic Books, 1980.

MORATO, Edwides. Neurolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 143-169.

RIBAS, Letícia P. Sobre a Aquisição do Onset Complexo. In: LAMPRECHT, Regina Ritter et al. **Aquisição fonológica do português, perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. – Porto Alegre: Artmed, 2004. d

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

SCHANE, Sanford. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVA, Nayra Marinho. **A Conquista da Autonomia de JR por Meio de suas Apropriações Linguísticas**; orientador Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, Vitória da Conquista, 2016. 80 f. Dissertação (mestrado em Linguística). – Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

STRATFORD, Brian. **Down's syndrome**: past, present and future a understanding and positive guide for families, friend and professionals. London: Penguin Books, 1989.

Recebido em: 19/11/2018

Aceito em: 15/04/2021